

História da Educação no Brasil

Desafios e Perspectivas

Ivone Goulart Lopes
(Organizadora)





HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Ivone Goulart Lopes
(Organizadora)

Editora Chefe

Antonella Carvalho de Oliveira

Conselho Editorial

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto
Universidade Federal de Pelotas

Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua
Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Lina Maria Gonçalves
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa
Faculdade de Campo Limpo Paulista

2016 by Ivone Goulart Lopes

© Direitos de Publicação

ATENA EDITORA
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 8430
81.650-010, Curitiba, PR
contato@atenaeditora.com.br
www.atenaeditora.com.br

Revisão
Os autores

Edição de Arte
Geraldo Alves

Ilustração de Capa
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História da educação no Brasil : desafios e perspectivas /
Ivone Goulart Lopes, (organizadora). –
Curitiba, PR : Atena Editora, 2016.
2.926 Kb ; PDF ; 138 p.

Vários autores.
Bibliografia.

ISBN: 978-85-93243-05-9

1. Artigos 2. Educação – Brasil 3. Educação – Brasil -
História I. Lopes, Ivone Goulart.

16-08963

CDD-370.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Educação : História 370.981

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-05-9



Apresentação

Neste livro, apresentamos uma gama de artigos diretamente vinculados aos desafios e perspectivas da história da educação. Eles nos permitem ter uma ideia abrangente do estado da arte desta área em termos nacionais e colaborarão para o seu desenvolvimento, que é seu principal objetivo.

É precioso e indispensável atentarmos bem para a história da educação; sem sombra de dúvida, aquele que ignora a história corre o risco de repeti-la em seus desacertos.

Uma leitura dinâmica, feita no sumário deste livro lhe mostrará a policromia de abordagens e os recortes de visão que esta obra encerra. O livro está organizado em nove capítulos que tratam dos desafios e perspectivas da História da Educação nacional. Pontos de vista divergentes, experiências complementares, posicionamentos questionadores perpassam as páginas deste livro como espelhamento do processo histórico vivido.

Um agradecimento especial a todos que colaboraram com seus textos para este livro. Vocês nos ofereceram uma visão panorâmica da história da educação numa época tão incerta quão plena de esperança.

Hoje, em nosso país, não parece garantida a atenção que a ação educativa merece. Tem-se a impressão que estamos vivendo num inverno educativo, defrontamo-nos com reducionismos antigos e novos, com práticas educativas efêmeras, “modelos que sofrem de insuficiência cardíaca, propostas de pressão baixa, carentes de sonhos e projetos” (Di Cicco). Há quem aposta tudo no requinte de novos métodos e técnicas, esquecendo-se que é justamente o “suplemento de alma” o que reanima, apaixona, entusiasma. A cultura - mas qual cultura? - é o contexto fértil para o educador em dia com o seu tempo.

A história pode ser definida como a “ciência do tempo”. Navegando pelos estudiosos da história colhe-se muito rapidamente o entendimento seguinte: a história é o fato e suas interpretações. A partir deste entendimento, tiramos outra conclusão: a história não consegue ser reduzida a uma “racionalidade objetiva”. Ela exige, a cada tempo, novos olhares, exatamente por padecer de interpretações enriquecedoras.

O coração não pode ser um simples verbete no dicionário das ciências da educação. Ele está no centro das ações educativas, em todos os seus níveis e com todas as suas problemáticas, insucessos e esperanças.

Oxalá este trabalho, realizado conjuntamente a incontáveis mãos, ajude a todos os pesquisadores e estudiosos a enfrentar os desafios dos novos tempos nas múltiplas realidades brasileiras.

Com a expectativa de que uma leitura proveitosa por parte de todos aqueles que se ocupam com o ensino e a pesquisa educacional, em especial da História da Educação contribua para subsidiar novos estudos e embates na área, é o que pretendemos.

Cumpre saudar a Editora Atena pela decisão de publicar esta obra que irá permitir seu acesso a um maior número de estudiosos do campo educacional.
Boa leitura!

Profª Drª Ivone Goulart Lopes
Membro: ACSSA-seção Brasil; GEPHEM-OPO/Uneouro-RO; GPAE/IFRO-Cacoal;
MNEMOS/ UNIR-RO.

Sumário

Apresentação.....	04
<u>Capítulo I</u>	
POR ENTRE CAMPAINHAS E CORREDORES: ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO NO GRUPO ESCOLAR CÉSAR BASTOS (1947-1961)	
Maria Aparecida Alves Silva e Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro.....	08
<u>Capítulo II</u>	
RAÍZES FINCADAS E SONHOS EMBALADOS: EDUCADORAS SALESIANAS EM CAMPOS/RJ	
Ivone Goulart Lopes.....	21
<u>Capítulo III</u>	
CIDADANIA E CIVISMO NA REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS NO PERÍODO DE INFLUÊNCIA DE ANÍSIO TEIXEIRA (1952-1971)	
Maria Augusta Martiarena de Oliveira e Berenice Corsetti.....	34
<u>Capítulo IV</u>	
CULTIVAR O ESPÍRITO, FORMAR O CARÁTER”: IDEOLOGIA DO PROGRESSO E A CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO REPUBLICANO NOS GRUPOS ESCOLARES DA CIDADE DE SANTOS	
André Luiz Rodrigues Carreira.....	46
<u>Capítulo V</u>	
ALFABETIZAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: CULTURA ESCOLAR NA REGIÃO NOROESTE PAULISTA (1960-1970)	
Renata de Sampaio Valadão e Estela Natalina Mantovani Bertoletti.....	60
<u>Capítulo VI</u>	
CURRÍCULO E HISTORICIDADE: A DISCIPLINA HISTÓRIA DO MARANHÃO NO SISTEMA PÚBLICO ESTADUAL DE ENSINO (1902 – 2013)	
Dayse Marinho Martins.....	76
<u>Capítulo VII</u>	
MULHERES, EDUCADORAS E COM UMA FÉ DIFERENTE: OS ENCONTROS DE LAURA AMAZONAS E NEYDE MESQUITA	
Rosemeire Siqueira de Santana e Josineide Siqueira de Santana.....	90

Capítulo VIII

ESTADO DO CONHECIMENTO: O QUE TRAZEM OS RECENTES ARTIGOS
SOBRE O LIVRO DIDÁTICO, DE 2009 A 2013

Cassia Helena Guillen Cavarsan.....104

Capítulo IX

O CAPITAL-IMPERIALISMO COMO FORMA DE DISCURSO DOS EDUCADORES
DO SÉCULO XX: O CASO DE PASCHOAL LEMME E PAULO FREIRE

Daniel Luiz Poio Roberti.....119

Sobre a organizadora.....134

Sobre os autores.....135

Capítulo II

RAÍZES FINCADAS E SONHOS EMBALADOS: EDUCADORAS SALESIANAS EM CAMPOS/RJ

Ivone Goulart Lopes

RAÍZES FINCADAS E SONHOS EMBALADOS: EDUCADORAS SALESIANAS EM CAMPOS/RJ

Ivone Goulart Lopes

PUC/DE - Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objeto as educadoras que atuaram na formação das normalistas no curso normal do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ no período de 1942-1961. Busca entender o projeto educativo da congregação através da análise do perfil da salesiana educadora bem como da construção da identidade da normalista católica neste ambiente. Para que isso aconteça é importante: Identificar a práxis do projeto educativo das irmãs salesianas de Campos/RJ, na formação da professora dentro do bojo da educação católica. Entender como esta escola, traduziu, mediante suas práticas, seus métodos de ensino, seus saberes, ambiência, o movimento de modernização escolar da época. Identificar o perfil da normalista desta instituição e a constituição de sua identidade profissional produzida ao longo de sua formação, (*ethos* cristão). Verificar porque o Ginásio e Escola Normal N.S. Auxiliadora se constituiu como um espaço de referência de formação docente na região. Perceber as formas de socialização escolar e, inclusive, religiosa que compõem a identidade das discentes selecionadas para a análise, o *ethos* religioso que impregnava, a configuração social, a experiência profissional. Busco no Projeto Educativo das Salesianas a construção da identidade institucional, com foco na equipe de professores: religiosas e “leigos” que atuaram na formação de professoras “católicas” que “professoraram” nas escolas públicas de Campos e região, seu significado e contribuição para a formação docente. Trata-se de uma pesquisa sócio-histórico, na linha da história das instituições educativas de formação de professores, na perspectiva de Magalhães (1999), Antonio Nóvoa (1992), Mogarro (2001), que têm na instituição escolar seu foco de estudo, estabelecendo um referencial teórico metodológico para análise da organização educativa, enquanto tempo e espaço de produção de práticas, através da ação de seus atores, professores, alunos, gestores e funcionários. Os princípios metodológicos: análises dos documentos escolares, fontes inéditas e história oral. As fontes advêm do arquivo do Colégio, de três arquivos das províncias das Salesianas: São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG e Rio de Janeiro/RJ. A Biblioteca Nacional/RJ e o Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa com sede em Barbacena/MG também foram *locus* de fontes importantes. Analisar a história da instituição educacional e a sua evolução é o primeiro passo, mas o mais importante é a maneira como as práticas desenvolvidas em seu interior e fora dele vão revelando os possíveis vínculos entre o saber-fazer educacional daquelas agentes e as formas de organização próprias do mundo moderno. Destaco a abordagem de Dubet (2002) sobre as profissões que se remetem ao *trabalho sobre o outro*.

Palavras-chave: Professoras católicas, Projeto Salesiano, Campos/RJ.

As irmãs salesianas ao requererem a instalação de uma Escola Normal, buscavam manter de modo integral o seu funcionamento mediante três aspectos: a expansão, o fortalecimento do trabalho educacional das irmãs salesianas em

Campos; o oferecimento de mais uma modalidade escolar, - o curso normal confessional - Campos já possuía a Escola Normal pública, que funcionava anexa ao Liceu de Humanidades; e a exigência da legislação para o funcionamento de escolas particulares.

O Colégio N. S. Auxiliadora tem o reconhecimento da comunidade por sua tradição de educação religiosa e integral, privilegiando a dimensão humana e não só cognitiva. Este comprometimento com a educação sócio humanista faz a diferença, além do investimento próprio em instalações e equipamentos.

A periodização da Escola de Professoras anexa ao Ginásio N. S. Auxiliadora: 1º) 1937-1940: Luta para a criação do Curso Normal. 2º) 1940-1944: Equiparação, início do curso para as alunas internas. 3º) 1945-1961: Consolidação do curso normal com a entrada das alunas externas, promulgação da Lei Orgânica do Ensino Normal e publicação da LDB em 1961.

Esta escola formou, durante o período em estudo, 16 turmas, um total de 393 normalistas. As quatro primeiras turmas foram formadas pelo Decreto n. 714 de 10/3/1939 e as outras 12 turmas sob o Decreto-Lei nº 8.530/46. Foi frequentada por moças de Campos, Macaé, São Fidelis, Cambuci, Nova Iguaçu, São João da Barra, Rio de Janeiro, Cantagalo, Niterói, Santo Antônio de Pádua, Bom Jesus de Itabapoana, Miracema, Quissamã, Natividade, Conceição de Macabú, Dolores de Macabú, Santa Bárbara, Itaperuna, Bom Jardim, Casemiro de Abreu, Miracema, São Gonçalo, Silva Jardim, Cardoso Moreira, Lajes do Muriaé, Santa Maria Madalena, Alegre/ES, Muqui/ES, Mimoso do Sul/ES, São Pedro do Calçado/ES, João Pessoa/ES, Vitória/ES, Juiz de Fora/MG, Manhuaçu/MG, Leopoldina/MG, Bom Sucesso/MG.

A escola normal foi um espaço difusor do ser mulher, da educação feminina. As alunas recebiam a formação moral e religiosa conforme os padrões utilizados nos demais colégios das religiosas. No setor da instrução, eram seguidas as normas estabelecidas pelo Ministério da Educação.

Pinheiro comenta no Relatório de 1947 que a maior dificuldade inicial para a instalação do curso normal foi o Capítulo V, Art. 63 do Regulamento “Das Escolas Equiparadas”, o Governo poderá equiparar à Escola de professores dos Institutos de Educação o estabelecimento de ensino secundário que, funcionando regularmente durante cinco anos, onde não exista estabelecimento daquela natureza, pública ou particular, se proponha adotar no seu plano de estudos, curso destinado à preparação técnica de professores primários. Em Campos já havia a Escola Normal pública.

Logo após a Inspeção preliminar de 15 de março de 1934 e o início do Ginásio, a direção e irmãs do Colégio começaram a tramitação para conseguir a inspeção permanente que ocorreu em 18/10/1938, Decreto Presidencial nº 3.184/38. A escola iniciou uma “estratégia, uma tática” perante os órgãos públicos para conseguir implantar o curso normal. Envia os abaixo-assinados de pais e responsáveis de alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em 12 de novembro de 1937 com 101 assinaturas. Em 12 de abril de 1939 foi realizada a vistoria e feito o relatório informativo da Inspeção Regional. Alzira Colares Quitete dá parecer

favorável ao Colégio: “Faz-se mister em Campos a existência de um Estabelecimento Normal com internato, onde se possam matricular as candidatas residentes nas cidades que lhe ficam próximas”. Entre vários ofícios enviados, em 22 de julho de 1940 o bispo de Campos, Dom Octaviano Pereira de Albuquerque escreveu ao Interventor do Estado do Rio, Comandante Ernani Peixoto.

Após estas pressões, em 1940, o Colégio tem seu Curso Normal equiparado à Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, mas somente para alunas internas conforme o Decreto Lei nº 145/40 da Secretaria de Educação e Saúde, publicado no Diário Oficial de 13/09/1940.

Assim que o Curso Normal foi equiparado, só para alunas internas, logo em seguida reinicia a luta para mudar este Art. 2 do Decreto-Lei nº 145, de 12 de setembro de 1940. Envia ao interventor Ernani do Amaral Peixoto um “Memorial” que é escrito por Esmeraldo Delorme Baptista em 21 de novembro de 1940, e assinado pelas autoridades da cidade: Arcebispo, Prefeito, Delegado Regional, Juiz de Direito, Juiz Criminal, Escola de Direito, Sindicato Agrícola, Sindicato de açúcar e álcool, Procurador Geral e Promotor de Justiça.

Pedidos de ampliação do Decreto continuaram sendo tramitados entre a escola e o interventor. A escola envia no dia 8 de dezembro de 1944 um telegrama acompanhado de um pedido político do Sr. Romualdo Monteiro de Barros, pai de uma das alunas que desejava fazer o curso normal, como realmente fez (concluiu em 1946). Aí sai o despacho do interventor, (DIÁRIO OFICIAL RJ, de 12 de janeiro de 1945).

A antiga professora “Garça”, (1943-1950), ao ser interrogada sobre o programa de ensino da escola normal do Auxiliadora, disse: “O programa de ensino era próprio da época, com uma forte influência da “Escola Nova”.

AS MULHERES EDUCADORAS FINCAM RAÍZES E EMBALAM SONHOS

Das fontes, colhemos que a missão educativa não é só fruto de entusiasmo, de zelo apostólico e de formação religiosa, requer uma preparação pedagógica adequada. Dom Bosco estava consciente disso, como se evidenciam, entre outras, as temáticas tratadas no primeiro capítulo geral da Congregação Salesiana, em 1877. Naquela assembleia, tratou-se da missão das Irmãs e da necessidade de cuidar adequadamente da formação profissional, de modo que elas se habilitassem para “*assumir o cuidado* da educação das jovens dos vários países, especialmente das pobres e abandonadas”, e fizessem pelas meninas o que os salesianos faziam pelos meninos (VERBALE, 1877, p. 139, *apud* CAVAGLIÀ, P.; COSTA, A. 1996, 196-201).

O elemento fundamental de toda instituição salesiana, para assegurar uma ação educativa e para dar respostas concretas às demandas e às necessidades das novas gerações, é a presença de uma **comunidade educativa**, pois a educação é exercício de humanização, e a tarefa educativa conta com a efetiva participação de todos os membros da comunidade na construção e realização do projeto. Nela se

busca a convergência e a continuidade de intervenções educativas que envolvem não só as crianças, adolescentes e jovens com seus educadores, religiosas e leigos, mas também os pais e as ex-alunas.

A vida comunitária, animada do “espírito de família”, é uma experiência que confirma a linha do “*assumir o cuidado*” uns dos outros, no acolhimento das diversidades e na valorização recíproca, colocando os dons a serviço da vida.

“Quanto a métodos aplicados, o que era mais valorizado no Sistema Preventivo: a razão, a bondade, a religião, a familiaridade, formação humana, cristã, valores para a vida familiar e profissional, o diálogo, a valorização da criatividade, as festas e o esporte; o incentivo e apoio formativo para a liderança nos movimentos religiosos e promoção social junto a comunidades populares. Os valores humanos cristãos que, coincidiam com os valores transmitidos também por minha família. Eles foram incorporados em minha vida e constituíram a base de meu agir e viver” (*Orquídea*, turma 1950).

Para o bom desempenho da tarefa educativa, vista como crucial na disseminação do ideal cristão, as salesianas entendiam a qualificação do/a professor/a como um elemento fundamental, o que justificava o encaminhamento de ações diversas destinadas a disponibilizar os saberes considerados necessários à formação das normalistas. As salesianas apresentavam sua visão de magistério – apoiada, por sua vez, na própria concepção de “educação integral”, sobre a qual duelavam com os escolanovistas, integrando ciência e fé, razão e espiritualidade, amorevolezza/bondade.

Do cruzamento dos dados dos mapas de movimento dos professores do curso normal dos anos de 1942 a 1961, encontrados no arquivo da secretaria do Colégio e dos relatos orais das seis antigas professoras entrevistadas, e questionários respondidos por 17 ex-normalistas da escola de Professoras do Auxiliadora, podemos aferir que o corpo docente dessa escola era formado, em sua maioria, por Irmãs Salesianas e pouquíssimos professores leigos. Dos 62 docentes, 53 eram religiosas e nove leigos (não religiosos). Dos nove leigos, seis eram mulheres e somente três homens. Entre todos os professores, a porcentagem de professores do sexo feminino era 95,16% e do sexo masculino somente 4,84 %.

A comunidade educativa⁷ do Auxiliadora era grande, havia as conselheiras da casa e escolares, as professoras, a ecônoma, a secretária, as assistentes do externato e a do internato, assistentes de dormitório, de refeitório, enfermeira, cozinheira, lavadeira, roupeira, porteira, a responsável pelo oratório festivo, pelas órfãs, pela catequese paroquial.

As **Diretoras** da Escola de Professoras – mulheres consagradas às suas educandas: “a diretora deve consagrar-se totalmente a seus educandos: jamais assumir compromissos que o afastem das suas funções” (BOSCO, 1877), “deve ter

⁷ O Manual Regulamento das FMA de 1928, traz os artigos referentes à comunidade educativa: 1ª conselheira ou vigária; 2ª conselheira; tesoureiras; professoras de estudo e de trabalho; assistentes; despenseiras; cozinheiras; roupeiras; porteiras; sacristãs e encarregadas do teatro.

três qualidades especiais: rápido para perdoar; lento para punir; rapidíssimo para esquecer” (MB VIII, 416).

Na pessoa da diretora, está o núcleo da pedagogia prática de Dom Bosco. Ela é o ponto de coesão e de dinamismo de toda ação educativa. Mais que administrativa e diretiva, sua função é educativa, ou seja: ele é a mãe da comunidade que, com *amorevolezza*, conquista a afeição confidente e filial do educando traduz a pedagogia do ambiente numa pedagogia pessoal e individualizante.

Era a responsável da escola perante as autoridades escolares e civis, como também ante as famílias das alunas. Entre suas características destacam-se: a amabilidade, a cortesia, a capacidade de animar, entusiasmar e de criar horizontes, testemunhar a paternidade/maternidade de Deus, tornar-se próxima e conhecer as educandas, identificando-as, constituir em sua pessoa a sacralidade da presença do “Bom Pastor”, unir todos pelo ideal comum; zelar pelo arquivo e *costumiere* (livro dos usos e costumes da casa). Portanto, o papel da diretora salesiana era muito amplo.

A **1ª Conselheira**, ou **Vigária**, deveria cuidar das alunas. Tinha a responsabilidade da disciplina e dos hábitos das educandas. Responsável pelo horário. Aos sábados dava os votos de conduta, ordem e urbanidade; cuidava dos ensaios teatrais e academias (CAVAGLIÀ, 1994, p. 201).

Nos documentos oficiais do Instituto, a **2ª Conselheira** era denominada “**Conselheira Escolar**” ou “Assistente Geral” da escola. Era função prioritária dessa conselheira: promoção de encontros formativos para educadores e alunos. O seu papel postula, mais que segurança profissional, uma especial capacidade de tecer vínculos relacionais, construtivos e propositivos, a unidade e convergência de ações e metas. A Conselheira, muitas vezes, comparada à irmã mais velha, responsável pelos estudos, era uma mulher temida cabendo-lhe, a qualquer custo, a manutenção da disciplina; mas era também amada porque competia-lhe a condução de tudo o que quebrava a rotina da escola, as competições esportivas, a representação mensal de teatro, as excursões.

A **Assistente** geralmente era a jovem professora que ia aprender, na prática, a ser salesiana, uma vez que prevenir é da essência da prática do sistema salesiano de educar.

Em relação às pessoas que exerciam a função da assistência na escola, o documento “*Educazione Salesiana*” (1907) assevera que o seu trabalho deve ser ativo, buscar o bem intelectual e moral das alunas, por serem elas o objeto de todos os seus “*cuidados e atenções*” e no bem ensinar, assistir e encorajar, atendimento das internas nos momentos de estudo, refeições, recreios, passeios e repouso.

A metodologia preventiva é toda confiada ao **professor**. São chamados a ser totalmente “consagrados” aos alunos, seus “pais/mães, irmãos/ãs, amigos/as”, numa partilha de vida, idêntica a dos membros adultos da família, com um acréscimo emotivo, que ultrapassa a própria família, com relacionamento de qualidade, chegando à interioridade das consciências.

“Professor, visto somente na aula, é professor e nada mais. Mas se está no

pátio com os jovens, se torna irmão. Quem é visto somente falar do púlpito passa a imagem de que está cumprindo uma obrigação, mas se fala uma palavrinha no recreio demonstra que ama” (Cartas de Roma *apud* FERREIRA, 2008, pp. 86-101).

Nas escolas salesianas, o professor tem uma função muito além de realizar atividades ou ensinar conteúdos. Ele é presença constante ao lado dos jovens, apresentando um interesse sincero pelo educando, *assume o cuidado*. “A relação era de muito respeito e as irmãs educadoras me transmitiram valores que conservo até hoje e sempre procurei transmitir aos meus descendentes” (Begônia, turma 1956).

As **secretárias** tinham consciência da importância do arquivo como fonte documental da escola, pois encontramos os arquivos muito bem organizados.

Às **tesoureiras** era confiada a administração geral, cuidavam da contabilidade e supervisionavam a casa a fim de que tudo fosse feito com ordem e limpeza. A Secretária e a Tesoureira/Ecônoma eram escolhidas pela Diretora e pela Inspetora.

As **roupeiras** tinham a seu cuidado o enxoval das educandas bem como toda a roupa da casa. As **cozinheiras** zelavam para que a alimentação fosse sadia, de acordo com as normas da higiene, com qualidade e quantidade nutritiva.

Na comunidade educativa de Campos, havia um papel imprescindível, a presença do padre, **capelão do colégio**, guia espiritual dos educadores e educandas e também conselheiro dos pais das alunas. A sua intervenção era relativa ao ministério sacerdotal.

É necessário ter presente que o horizonte cultural da congregação religiosa feminina, fundado por Dom Bosco, era aquele europeu (italiano) e que foi transplantado para outros países, e que, desde a fundação do Auxiliadora, Dom Mourão garantia que era *modelar*, com um programa institucional bem delineado.

As Salesianas, em Campos, atuaram também em Escolas Públicas com a Educação Religiosa, na Faculdade de Filosofia como professoras, e na pastoral diocesana, como coordenadoras da catequese, da ação social dos jovens e necessários.

A profissionalização das Salesianas, “peritas na arte maiêutica”:

“O seu corpo docente, composto de ótimas professoras diplomadas e *educadoras modelares*, é, segundo nos informam, de absoluta e conhecida idoneidade. A educação que essas ótimas preceptoras ministrarão as suas alunas será mais completa que se possa desejar, pois, além da aprimorada educação moral, intelectual, cívica e doméstica, será objeto de especial *cuidado* a cultura física e artística das alunas. Está, pois, de parabéns a nossa cidade por mais este melhoramento que será sem dúvida apreciado no seu extraordinário valor por todos aqueles que se interessam pelas mais puras e legítimas glórias da nossa terra” (FOLHA DO COMMERCIO de 25/01/1925) [grifo nosso].

Quando Linda Lucotti⁸ (LUCOTTI, E. in: VASQUETTI, L. Carta Circular nº 125, 24/02/1930) era Conselheira Escolar do Instituto escreveu às diretoras e comunidades educativas falando da necessidade de professoras preparadas para levar avante as obras que a congregação possuía, acentuando que a educadora salesiana deve ser uma perita na arte “maiêutica”, ter um olhar que vai além da aparência e saber colher e fazer emergir os recursos escondidos, descobrir os dotes verdadeiros, não parar nas aparências.

Se considerarmos que as religiosas à frente da Escola de Professoras nasceram nas primeiras décadas do século XX, compreendemos que, para muitas delas, ingressar na vida religiosa pode ter significado muito mais do que a expressão de suas crenças. A julgar pelos questionários respondidos e pelas entrevistas realizadas, tinham também em vista a possibilidade de exercício de uma carreira profissional feminina valorizada em um período em que alternativas eram limitadas para as mulheres.

“Por meio da ação destas religiosas, nota-se que a perspectiva de realização fora do casamento e da família de origem, mas sob o aval da Igreja Católica, dava espaço a uma carreira feminina que estava alicerçada sobre o exercício desta maternidade simbólica, praticada por meio das ações de socorro, do cuidado e da educação das crianças e das mulheres” (PEROSA, 2009, p. 92).

Durante os anos do governo de Madre Ângela Vespa como Conselheira Escolar (1937-1955) e como Madre Geral (1958-1969), houve abertura a novas perspectivas relacionais nos ensinamentos e ela promoveu, em particular, a formação profissional e catequética das Irmãs, convicta de que, sobretudo em uma época caracterizada pela especialização e pela nova presença da mulher no mundo do trabalho, isto era particularmente urgente e necessário. Sem transcurar a eficiência organizativa, buscou, sobretudo, incrementar a formação pedagógica salesiana das educadoras, mostrando particular abertura à valorização das oportunidades culturais e didáticas do seu tempo⁹.

A cronista do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Campos, nos brinda com informações sobre a participação das Irmãs em cursos, seminários e congressos.

⁸ Madre Linda Lucotti, Conselheira Escolar (1928-1937), Madre Geral (1943-1957), foi aluna de Casotti que aprofundou o método de Dom Bosco à luz da pedagogia contemporânea, em uma série de contribuições publicadas na *revista Scuola Italiana Moderna* (RUFFINATO, 2003, p. 285-287).

⁹ Ângela Vespa buscou a formação pedagógica-salesiana das educadoras, utilizando todas as possibilidades culturais, didáticas e editoriais das quais se podiam dispor naqueles anos: Instituiu a “*Revista Primavera*” para pré-adolescentes e adolescentes (1950), a fundação do “*Instituto Internacional de Pedagogia e Scienze Religiose*” (1954) e a promoção do grupo “*Escola Ativa Salesiana*”(SAS), era um centro, um laboratório de pesquisa e inovações educativas didáticas (1957-1997) para a produção e publicação dos livros de textos para a escola elementar média e inferior das escolas salesianas da Europa, para dar um novo impulso às escolas das FMA como resposta às inovações do tempo (RUFFINATO, P. 2003, p. 289). Não chegaram a ser traduzidos para o português. “Nas circulares que periodicamente enviava as educadoras, tratava das modalidades práticas para viver o Sistema Preventivo de Dom Bosco a fim de formar mulheres cristãs maduras e profissionalmente competentes” (CAVAGLIÀ, 1994, p. 208).

Ao lançar a questão “e se tivesse que recomeçar... o que mudaria?”, as antigas professoras da Escola Normal responderam:

“Naquele tempo, vivíamos na consciência de que estávamos fazendo um bom trabalho e éramos assim consideradas. Não havia exigências acima do que fazíamos: nossa escola era considerada modelo no campo da educação feminina”. (*Colibri*, profª 1957-1960).

“Sinto-me feliz em minha profissão de educadora (ainda trabalho aos 80 anos). É uma questão de ideal e de compromisso político”. [...] “Ganhar a vida como professora era quase que automático. Terminava-se o curso, fazia-se o ‘exame de carreira inicial’ e, logo após a aprovação, acontecia a nomeação para o exercício do magistério. O salário era bom, havia até a profissão de ‘marido de professora!’.” (*Garça*, educadora 1943-1950).

Ozouf (1973) comenta que arrancar os textos do sono pesado dos arquivos é sempre uma vitória: vitória maior ainda no seu caso, em que era a partir das lembranças adormecidas – e na proximidade da morte – que se deveria extrair as narrativas que, sem a pesquisa, não teriam jamais existido. Também no nosso caso, muito tempo depois, essas mulheres, antigas professoras e ex-normalistas, reuniram suas recordações, esquadrinharam os seus porões, desencavaram cadernos amarelados, poeirentas “preparações” escolares e contaram as suas próprias histórias.

Valorizando a maternidade como “*arte de cuidar*” da vida, na ótica da “cultura da vida”, a contribuição específica que as Filhas de Maria Auxiliadora oferecem para uma educação à reciprocidade está inscrita em seu próprio nome: ser “auxiliadora” e viver uma diaconia maternal como de todas as mulheres para com os jovens que lhes são confiados. “Graças a Deus eu aproveitei bem a formação humanística e cristã que pautou sempre a minha vida particular e profissional” (*Girassol*, turma 1957).

A experiência vivida pelas ex-alunas ou pelos educadores, durante a frequência à Escola Normal, estão ligadas, também, aos fatores extraescolares que ficaram marcados na memória desses sujeitos. Se a educação da fé era o principal objetivo da ação educativa das irmãs, esse objetivo estava enraizado na boa formação moral das alunas, direcionando-as para padrões de conduta que fossem condizentes com a moral católica. Toda a ação educativa voltava-se para o intuito de formar um ideal de mulher que estivesse em sintonia com o desejável para a sociedade, e mais, com o que a própria sociedade esperava da formação feminina em uma escola religiosa, o modelo de mulher que constituía o ideal era o de dona de casa, capaz de gerir a vida doméstica.

É inegável que, pelo menos em parte, as congregações religiosas contribuíram para a ascensão social do sexo feminino e para que, por meio da educação, muitas mulheres chegassem a um enfoque crítico de sua existência feminina. As irmãs salesianas do Auxiliadora de Campos, ao formarem a moça professora tinham como finalidade a formação integral das mesmas, ou seja, formar a mulher, mãe, esposa e a professora. Essa formação pode ser assinalada nos depoimentos das ex-alunas ao narrarem sobre as experiências vividas durante a

frequência à Escola Normal do Auxiliadora. Em um contexto no qual era elevada a porcentagem de analfabetismo sobretudo no campo feminino, a escola entendia oferecer uma modesta, mas eficaz resposta a demanda de instrução e de educação emergente do povo e em particular das mulheres.

No Curso Normal do Auxiliadora, das 393 alunas que se formaram entre os anos 1943-1961, foi possível identificar que 347 (88,29 %) exerceram a profissão de professora, em escolas públicas, algumas em escolas particulares; dentre estas quatro fundaram escolas particulares e 18 foram professoras universitárias. Essas normalistas eram filhas de fazendeiros, comerciantes, lavradores, tabeliães, médicos, usineiros, negociantes, engenheiros, advogados, dentistas, funcionários públicos, ferroviários, motoristas, empresários, escriturários, farmacêuticos, gerentes de usinas, professores. As mães, neste período, quase a totalidade se identificou como “do lar” ou como professoras, telefonistas e costureiras.

O contato com as fontes documentais direcionou nosso olhar para a diversidade da clientela atendida e concluímos que nem todas eram de classe média e alta, havia jovens pobres. O Colégio Auxiliadora formou professoras de origens diferentes.

Graças à consciência da comunidade campista quanto à qualidade e à excelência do ensino oferecido por um grupo de religiosas comprometidas com a educação é que a instituição adquiriu o reconhecimento que hoje lhe é devido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora mantendo um discurso conservador, ao atuar na esfera educacional a escola católica Nossa Senhora Auxiliadora tornou-se uma instituição modernizadora, facilitando a inserção da juventude na sociedade urbana e na cultura científica. Em termos de comportamento, porém, as salesianas procuravam conservar quanto possível os valores tradicionais. E para isso procuraram marcar fronteiras, criar seu próprio curso normal e numa tessitura salesiana, formar a professora com um *ethos* cristão.

A memória de uma instituição é o lastro que confere contornos, estabilidade e sentido à sua identidade. Os depoimentos produzidos por antigas professoras e ex-alunas revelaram aspectos importantes da trajetória desta escola de professoras, ou inquietaram pelos silêncios e lacunas.

REFERÊNCIAS

BOSCO, G. O Sistema Preventivo na Educação da Juventude. Turim, 1877. In: FERREIRA, A. da Silva. **Não basta amar... A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

BRASIL. Decreto Presidencial nº 3.184, publicado no Diário Oficial de 18/10/1938

BRASIL. Decreto nº 714 de 10/03/1939 Art. 64 e alíneas.

BRASIL. Decreto Lei nº 145/40 da Secretaria de Educação e Saúde, publicado no Diário Oficial de 13/09/1940.

BRASIL. Decreto nº 8.530 de 02/01/1946.

CARTA do Bispo Dom Octaviano Pereira de Albuquerque ao Interventor do Estado do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto em 22/07/1940.

CAVAGLIÀ, P.; COSTA, A. **Ormi di Vita trace di Futuro**. ROMA: LAS, 1996.

CAVAGLIÀ, Piera. Linee dello stile educativo di Maria Mazzarello, L'arte del "prendersi cura" com saggezza e amore. In: CAVAGLIÀ Piera - DEL CORE Pina, **Un progetto di vita per l'educazione della donna**. Contributi sull'identità educativa delle Figlie di Maria Ausiliatrice. Orizzonti 2, Roma: LAS 1994, pp. 131-162.

CRÔNICA do Colégio N. S. Auxiliadora, 1925-1961.

DIÁRIO OFICIAL RJ, de 12 de janeiro de 1945.

DUBET, François. **Le Declin de l'Institution**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

FERREIRA, A. da Silva. **Não basta amar, a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**, introdução, notas e comentários. São Paulo: Editora salesiana, 2008.

FOLHA DO COMMERCIO de 25/01/1925.

GENGHINI, Clélia. **Collezione di Elementi di Metodica ed altre Norme per le Maestre**. 1907, manuscrito.

LEMOYENE, G. Batista. AMADEI, Â. CERIA, E. **Memorie Biografiche** di (Don, Del Beato) San G. Bosco, Torino: Tipografia della Società Editrice Internazionale, 1932.

LUCOTTI, E. in: VASQUETTI, L. **Carta Circular** nº 125, 24/02/1930.

MANUAL REGULAMENTOS das FMA de 1928. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1930. 292 p.

MEMORIAL enviado ao Interventor Federal pelas autoridades da cidade, em 21/11/1940.

OZOUF, Jacques. **Nous les maîtres d'école**. Paris: Julliard/Gallimard, 1973 (texto traduzido por Ana Waleska P. Mendonça).

PEROSA, Graziela. **Escola e destinos femininos**: São Paulo (1950/1960). Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

PINHEIRO. M.J. Relatório da Diretora do Colégio N.S. Auxiliadora, 1947.

RUFFINATO, P. **La Relazione educativa**, orientamenti ed esperienze nell'Istituto delle FMA. Roma: LAS, 2003, p. 272-303.

TELEGRAMA ao Interventor Federal, em 08/12/1944, com 41 assinaturas das alunas que queriam estudar o Curso Normal no Auxiliadora.

VISTORIA e RELATÓRIO Informativo da Inspetoria Regional, Alzira Collares QUITETE que dá parecer favorável ao Colégio em 12/04/1939.

Abstract: This article has as object the educators who worked on formation of teaching in the teach course of Nossa Senhora Auxiliadora's school in Campos/RJ in the period of 1942-1961. Seeking to understand the educational project of the congregation through the analysis of the Salesiana educator profile as well as the construction of the identity of the catholic teaching in this environment. For this to happen it is important: Identify the praxis of educational project of Salesiana Sisters of Campos/RJ, on teacher training inside of catholic education. Understand how this school is, translated by their practices, their teaching methods, their knowledge, ambience, the moviment of school modernization from that time. Identify the profile of the teaching from this institution and the constitution of their professional identity produced throughout his training, (Christian ethos). Check why the high school and teaching school Nossa Senhora Auxiliadora is formed as a space of reference in teacher education in the region. Understand the forms of socialization school, including, religious, that compose the identity of the students selected for the analysis, the religious ethos that pervaded the social setting, the professional experience. Search in the Educational Project of the Salesianas the construction of the institutional identity, focusing on the team of teachers: religious and "not religious" who worked in the training of "catholic teachers" that "had teaching" in the public schools of Campos and region, its significance and contribution to teacher education. It is a socio-historical research, the story line of educational institutions of teacher training, in the perspective of Magalhães (1999), Antonio Nóvoa (1992), Mogarro (2001), that has in the school institution his focus on the study, establishing a theoretical and methodological reference for analysis of educational organization, while time and space of production practices, through the action of his actors, teachers, students, principals and employees. The methodological principles: analysis of school documents, unpublished sources and oral history. The sources come from the School, of three files of the Salesian provinces: São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG and Rio de Janeiro/RJ. The National Library/RJ and the Salesiano Center of Documentation and Research in Barbacena/MG were also *locus* of main sources. Analyze the history of educational institution and its evolution is the first step, but the most important thing is the way how the practices developed inside and outside it will reveal the possible bonds between the educational-know-how of those

agents and the forms of organization of the own modern world. Highlights are to the Dubet approach (2002) about the professions which refer to the *work about the other*.
Keywords: Catholic teachers, Salesiano Project, Campos/RJ.

SOBRE A ORGANIZADORA

IVONE GOULART LOPES Doutora em Educação pela PUC-Rio. Atuou como professora e gestora na SEDUC/MT; lecionou na Graduação e Pós-Graduação nas faculdades: UNIAMERICAS/CE, FAK/CE, FATE/CE e na UNEOURO/RO como professora e pesquisadora. Coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação e Memória em Ouro Preto do Oeste/RO (GEPHEM-OPO), é membro do GPAE do IFRO/Cacoal; do MNEMOS da UNIR/RO e da Associazione Cultori Storia Salesiana. Rua José Wensing, n. 1782. Barra Nova – Ouro Preto do Oeste /RO – CEP: 76.920-000. E-mail: ivone.goulart@hotmail.com

SOBRE OS AUTORES

ANDRÉ LUIZ RODRIGUES CARREIRA Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

BERENICE CORSETTI Graduação em História pela Universidade de Caxias do Sul, Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense, Doutorado e Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq e professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Integra o Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS. Desenvolve investigações em temáticas relacionadas à História da Educação e às Políticas Educacionais.

BETÂNIA DE OLIVEIRA LATERZA RIBEIRO Doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado em Psiquiatria, Neurologia e Psicologia Médica, pela USP/SP. Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – UFU e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação.

CASSIA HELENA GUILLEN CAVARSAN Mestre em Educação pela Universidade Católica do Paraná (2015). Graduada em Letras Português- Inglês pela mesma instituição. Atualmente cursa segunda licenciatura em Pedagogia, na instituição de Ensino a Distância, Uninter, e participa do grupo de pesquisa em História da Educação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atua como professora do Ensino Fundamental de nove anos, nas séries iniciais, na rede municipal de São José dos Pinhais, desde 2005.

DANIEL LUIZ POIO ROBERTI Graduado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2007), mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (2011) e doutor em Educação pela UFF (2015). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal Fluminense (IEAR) e integrante do Núcleo de Pesquisa em Geografia Humana: Teoria, Método e Ensino (NUPEGH) e do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI/Cnpq-UFF). Atua principalmente nos seguintes temas: construção dos conceitos geográficos e cartográficos no segmento básico de ensino.

DAYSE MARINHO MARTINS Doutoranda em Políticas Públicas - UFMA; Mestra em Cultura e Sociedade - UFMA; Especialista em Psicopedagogia, História do Brasil, Ensino de Filosofia e Sociologia, Educação Infantil, Ensino de História, História da África e do Maranhão, Planejamento educacional e Políticas Públicas, Neuropsicopedagogia e Ludopedagogia. Licenciada em Pedagogia, História e Filosofia; Graduanda em Psicologia e Sociologia. E-mail: daysemarinho@yahoo.com.br

ESTELA NATALINA MANTOVANI BERTOLETTI Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990); Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997); Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006); pós-doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011); pós-doutora em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014). É professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, atuando no curso de Pedagogia, especialização em Educação e mestrado em Educação. Foi vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (2011-2013) na mesma Universidade.

IVONE GOULART LOPES Doutora em Educação pela PUC-Rio. Atuou como professora e gestora na SEDUC/MT; lecionou na Graduação e Pós-Graduação nas faculdades: UNIAMERICAS/CE, FAK/CE, FATE/CE e na UNEOURO/RO como professora e pesquisadora. Coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação e Memória em Ouro Preto do Oeste/RO (GEPHEM-OPO), é membro do GPAE do IFRO/Cacoal; do MNEMOS da UNIR/RO e da Associazione Cultori Storia Salesiana. Rua José Wensing, n. 1782. Barra Nova – Ouro Preto do Oeste /RO – CEP: 76.920-000. E-mail: ivone.goulart@hotmail.com

JOSINEIDE SIQUEIRA DE SANTANA Possui Graduação em Licenciatura Plena História pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Didática do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França – FSLF. Mestre em Educação pelo Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, Instituições Escolares (UFS). Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Atualmente é professora titular – Secretaria de Estado da Educação e do Deporto. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas História da Educação, Cultura Escolar, Educação de Órfãos, Educação Confessional.

MARIA APARECIDA ALVES SILVA Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Rio Verde. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU (Doutorado), Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação. Orientadora educacional da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde/GO desde o ano de 2003.

MARIA AUGUSTA MARTIARENA DE OLIVEIRA Licenciada em História pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Mestre e doutora em Educação – linha de pesquisa Filosofia e História da Educação pela mesma instituição. Realizou seu estágio pós-doutoral na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. É

professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Osório.

RENATA DE SAMPAIO VALADÃO Mestre em Educação - UEMS Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Paranaíba; Especialista em Gestão de Pessoas e Finanças - FIRB Andradina/SP (2010) e Gestão Empresarial e Controladoria - FIU Pereira Barreto/SP (2005); Graduada em Administração pelas Faculdades Integradas Urubupungá/SP (2004). CRA/SP n. 114984. Membro do GEPHEB - Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira - UEMS. Atualmente ocupa o cargo de professora nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Psicologia das Faculdades Integradas Urubupungá e coordena as atividades de Estágio Supervisionado; Atividades Complementares e Trabalho de Conclusão de Curso.

ROSEMEIRE SIQUEIRA DE SANTANA Possui Graduação em Licenciatura Plena Pedagogia pela Faculdade São Luís de França - FLSF. Especialização (andamento) em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Jardins – FAJAR. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre História do Ensino Superior – GREPHES (UFS). Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Atualmente é professora titular - Secretária de Estado da Educação e do Desporto, e da Secretária Municipal de Educação Estância/SE. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas História da Educação, Cultura Escolar, Educação da Infância Pobre, Educação Confessional, Pedagogia Espírita.